

UM RETÁBULO DE IMAGENS ENLUTADAS

Há palavras que o vento não acaricia
e latidos de ar que o coração silencia.
Na chama viva, o pensamento ignora
a queda de água na esteira do verso,
a ferradura invisível no favo do lábio.

Num feixe de memórias e de assombro
os olhos amanhecem como fogo no Outono.
E facas de seda levantam voo
amarrando a sede dos meus ossos murchos
na margem do meu sangue, na curva do tempo.

Um retábulo de imagens de sofrimento
decompõe a luz em medida ogival.
Apagam-se os caminhos com que sonhava...
E numa sombra amiga cavalgam os despojos
por um céu ignorado de estrelas caducas.

De tempos a tempos somam-se as feridas
e um logaritmo aberto desfigura os cálculos.
Teias de aranha contíguas no vértice
de uma dor prolongada no limiar do lábio.

As horas contagiam-me com a sua indolência,
e a sua última nudez aumenta o hábito
de morrer sem receio em cada buraco:
Os lábios prisioneiros da voz sem lacunas.
As lágrimas murchas no leito do pranto.

(Mérida. Venezuela. Outubro 1985)

Blas Márquez Bernal, cmf

(FOTO: [Tincho Franco](#))

